

Linguística e Mídia

Melissa Suárez Cruz

Bacharel em Linguística pela Universidade de São Paulo

Março de 2015, almoço habitual em família, momento diário em que sou obrigada a assistir aos telejornais. Na hora que o Jornal Hoje anuncia a exibição de uma reportagem sobre língua, imploro “Desliga isso que eu vou passar raiva” - a progenitora já aprendeu a duras penas que não se pode falar em “erro de português” na minha presença. Não houve tempo de chegar ao controle remoto antes do início da exibição, e com ela, a surpresa: os apresentadores estão usando de linguagem coloquial para relativizar o conceito de certo e errado em língua? O que Ataliba de Castilho, Rodolfo Ilari, Stela Maris Bortoni-Ricardo estão fazendo na televisão? E na Globo!!!

Depois da polêmica sangrenta em torno do livro *Por uma vida melhor*, a série de reportagens “A língua que a gente fala”, exibida pelo Jornal Hoje na semana de 19 a 21 de março de 2015, é um alento, é luzinha no fim do túnel na relação da Linguística com a Mídia. Seria o início de uma nova relação? Criou-se outro paradigma?

Esta era a pergunta que estava no ar e que foi feita a Teresa, na verdade, Maria Teresa Garcia, editora-chefe do Jornal Hoje, durante a mesa redonda “A Linguística e a Mídia” dentro do 63º Seminário do GEL- Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, em julho último, na Unicamp.

Para Teresa é muito complicado falar de paradigma, com tudo que este termo traz, mas que se antes havia um abismo entre a linguística e a mídia, “há agora um namoro”. O professor Ataliba de Castilho foi mais otimista, vaticinou que a questão envolta do livro *Por uma vida melhor* já é passado.

Mas afinal, como se chegou à série de reportagens “A língua que a gente fala”?

Valéria Paz, doutora em Letras, trabalha na rede Globo há 15 anos. Para os jornalistas, ela era a professora de português a quem recorriam para solucionar dúvidas sobre a língua. Mas, nas palavras de Teresa, Valéria não só explicava sobre a norma gramatical, sempre tinha o cuidado de trazer algo a mais “Será mesmo que

é a concordância aqui que está te incomodando? Será que não é a maneira que você constrói o texto? Será que é assim que você quer dizer isso?”

Valéria se construiu como consultora linguística dentro da Globo. Para o professor Ataliba, o grupo de pessoas como Valéria são os “agentes infiltrados”.

Infiltrada, Valéria tinha pouco espaço como agente. Mas foi possível criar esse espaço devido a uma necessidade: todo o jornalismo da rede Globo está sendo reestruturado. Com a chegada de um novo mercado consumidor, a famosa “ascensão da classe C”, veio o desafio de mudança na narrativa dos telejornais.

Teresa repetiu várias vezes isso, tanto respondendo às perguntas como na sua fala individual “precisamos mudar a narrativa dos nossos telejornais”; a linguística veio como meio de ajudar nessa necessidade de “repensar a narrativa”; não é novo paradigma ainda, mas um processo resultado “de uma transformação, pois queremos mudar a forma de contar a história”, “temos novos espectadores que tem demanda de outros conteúdos e novas narrativas”, e como preocupação principal do telejornalismo global: “Afim, nosso telespectador está nos entendendo?”

A editora-chefe narrou com muito bom humor o que a Valéria trazia de ideias, para grande assombro dos jornalistas, mas que para o linguista é óbvio, por exemplo, que a fala permite repetição, “Oh! Quer dizer que eu posso dizer isso de novo?”. Ou ainda, que a fala tem suas próprias marcas de coesão, diferentes da escrita: “Há marcas da oralidade e há marcas da escrita, o jornalismo televisivo trouxe para a fala as marcas do jornal impresso.” sintetizou Teresa. Reabilitar a marcas da oralidade para o seu lugar, dentro dos telejornais, foi a grande novidade.

“As pessoas saem de uma aula com a Valéria e voltam maravilhados”, deu como exemplo o de uma jornalista que irrompeu na sala da editora, e, se referindo à aula “Mudou minha vida”. Valéria o confirmou em sua fala individual: “Quando (os jornalistas) ouvem (o que o linguista diz) e superam o choque inicial, gostam da nova visão e se dizem conquistados.”

Como agente infiltrada, Valéria tinha uma proposta de como falar da língua, no meio televisivo, sob a ótica da linguística. De conquista em conquista, William Bonner aceitou-a: “Vamos falar de linguística e de português brasileiro.”

Mas, outro problema de espaço: encontrar quem quisesse. O Fantástico não quis, Globo News não quis...o Jornal Hoje, sob o comando de Teresa, quis. Teresa, uma aliada.

Apesar do otimismo e alegria, nas falas de Ataliba, Valéria e Teresa, evidenciavam-se as contradições entre “sim, é um avanço” e “é avanço, mas nem tanto”. Aos poucos, ficando explícito que a divulgação da linguística depende ainda de aliados e agentes infiltrados. Na admissão de Teresa “Não foi proposta da emissora, mas de um jornal.”

Produção de conhecimento e transmissão do conhecimento. Essa não é uma questão nova na ciência. Cada disciplina científica lida a seu modo com os entraves de, por quais meios e como, informar sobre o conhecimento produzido. Mais que isso, há um certo incômodo quando o próprio cientista se propõe a fazer a divulgação da sua área a não-especialistas, está aí Neil deGrasse Tyson que não me deixa mentir.

Tal questão também apareceu nesta mesa redonda do GEL. Afinal quem tem que divulgar? Que divulgação é essa? Quais são esses meios?

Como meios, o professor Ataliba cita as publicações acadêmicas, a revista *Língua* e os próprios seminários como o GEL- ressaltando um elogio aos organizadores, dada a dificuldade de manter com regularidade um evento de tal tamanho.

Mas, o quanto a revista *Língua* ainda é muito específica? Ataliba segredou que o editor-chefe desta publicação, em uma reunião com linguistas, foi muito sincero “Olha, eu estou do lado de vocês, eu sou aliado, mas tem hora que do jeito que vocês escrevem sobre linguística dá a entender o inverso do que vocês dizem.”

Quem é responsável por mover toda produção de conhecimento linguístico em direção ao grande público?

Quando surge da plateia, o pedido de uma estudante carioca de jornalismo por mais material da área, pois faz parte de um grupo de jornalistas que estudam a linguística; o catedrático reiterou como solução a existência dos meios acadêmicos de divulgação “Há muito da Linguística já publicado, nós precisamos de vocês, jornalistas para nos divulgar. Joguei de volta a bola pra você.”

Mas será que são os jornalistas que devem vir até os linguistas? Ou o contrário?

Por outro lado, Ataliba já tinha contado que ele, Faraco e Stella Maris tinham sentido a necessidade de explicar o que é linguística para a mídia, pós polêmica “Por uma vida melhor”, e enviaram a imprensa um documento de 60 páginas com os dados básicos da linguística.

Quais são os dados básicos da linguística? Será que os jornalistas e editores leriam 60 páginas?

Enquanto se discutiam reformas, o professor Dante Luchesi se elevou da plateia e clamou pela revolução. A sociedade teria demandas e a população não sabe que os linguistas podem atender a estas demandas. E qual a maior demanda: a reforma da Norma Culta.

Como argumento, cita o manual de redação do jornal Folha de São Paulo “a mesóclise não existe” (sic), mas a mesóclise “tá lá” na gramática. Dante Luchesi citou ainda um fato corriqueiro que aconteceu com ele. Em seu último livro, escolheu escrever “dos alunos” e não “de os alunos” em certa frase, mas a revisão da editora alterou todas as contrações de preposição com artigo existentes no texto.

A colocação do professor da Universidade Federal da Bahia veio antes do pedido da jornalista e do exemplo da advogada. Advogada que também estuda linguística, com o objetivo de alterar a forma em que são escritos os processos, afinal, não “há tempo hábil para ler aquele calhamaço de coisas” e parte da morosidade do judiciário se dá por causa da forma que os textos da área são escritos. Então, há realmente uma demanda.

Porém, não é necessário primeiro nos divulgarmos para que a sociedade saiba quem somos, e depois, como consequência, entender que podemos atender a demandas existentes?

Para o professor Ataliba, é preciso não esquecer a existência das gramáticas escritas pelos linguistas. Mas nossas gramáticas são consultadas no ensino de língua materna e por profissionais de mídia ou de revisão e tradução?

Cabe aqui uma especulação: é muito provável que aquele revisor que alterou todas as contrações do texto de Dante Luchesi se considere um “consultor linguístico” e faça o marketing de seu trabalho como tal. Virou moda, não existem mais revisores, mas sim “consultores linguísticos”. Seria ótimo se o termo incluísse um trabalho de cuidado com o texto, o cuidado que Valéria teve e tem e que cativa

os jornalistas da Globo que a procuram. Mas infelizmente, na maioria dos casos, não há esse cuidado. O que há é o “xerife” da gramática com outro nome. A linguística virou adjetivo no processo de “gourmetização” do serviço de revisão, copidesque e edição.

Na academia, com toda sua classe; fora, derivação imprópria. Como fazer para que fora da bolha a Linguística seja também substantivo, nome de área científica, reconhecida como tal?

À pergunta final, de como criar mais “agentes infiltrados” e se falta ao curso de bacharelado em linguística uma orientação voltada ao mercado de trabalho, principalmente para que a linguística chegue de verdade ao ensino de língua materna e se estenda para a formação superior (alcançando jornalistas e advogados), o professor Ataliba recomendou à inquisidora que escreva pedindo à comissão organizadora do GEL e também da ABRALIN, para que se abram novos espaços de discussão nos próximos congressos, espaços que incluam os demais profissionais que se interessam pela Linguística. Uma solução, de novo, acadêmica.

Sobre a autora: Melissa Suárez é bacharel em linguística pela Universidade de São Paulo, professora de português da rede pública estadual paulista e tem muita vontade de se tornar “agente infiltrada”. Infiltrada está, mas até ser agente... afinal sabemos que as instituições de ensino são excelentes em barrar protagonismos.